

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n3.1187>

2º Capítulo: A medida real, Item A: A relação de medidas autossubsistentes

Grupo de Porto Alegre

2nd Chapter: The real measure, Item A: The relation of self-subsistent measures

Porto Alegre Group

Adilson Feiler(1); Agemir Bavaresco(2); Antônio Costa(3)

1 Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG – Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7352-927X>. E-mail: feilersj@yahoo.com.br

2 Professor do PPG Filosofia PUCRS. Research Associate: Centre for Epistemology and Philosophy of Science (ACEPS)/University of Johannesburg.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7967-4109> - E-mail: abavaresco@pucrs.br3 Pós-doutorando junto ao PPG Filosofia PUCRS.
Email: ac.rocha.costa@gmail.com

Resumo

A autossubsistência da medida, como uma categoria lógica, opera independentemente de determinações externas, gerando seus próprios critérios sem depender de parâmetros externos. Essa autonomia não a isola das relações, mas, ao contrário, as engendra, formando um todo relacional unificado. Cada medida, como uma teia de relações, também mantém sua autonomia, com a crescente independência fomentando mais relações e mais autonomia. A medida real é autossubsistente e se relaciona externamente com outras, gerando novas relações por meio de sua determinação específica em uma série. Ela mantém suas diferenças em relação às outras, progredindo quantitativamente, enquanto qualitativamente é interrompida por pontos autossubsistentes específicos. A medida sem medida representa uma relação negativa dentro de si mesma, como observado nas mudanças de estado (por exemplo, água). Medidas autossubsistentes, embora inicialmente externas, estabelecem combinações (por exemplo, peso e volume) em termos qualitativos e quantitativos, e em interações (por exemplo, mistura de metais com diferentes gravidades específicas). A “afinidade” emerge como uma forma relacional neutra, muitas vezes semelhante a reações químicas ou harmonias musicais, representando interações seletivas. Em última análise, a determinação da medida envolve encontrar quantas neutralizadoras que conectem vários momentos, mostrando uma progressão dialética da imediata exterioridade, passando pela relacionalidade, até a afinidade eletiva. A autossubsistência da medida destaca sua autonomia, ao mesmo tempo que permite relações complexas e dinâmicas.

* FEILER, Adilson; BAVARESCO, Agemir; Datas:
COSTA, Antônio. In: 8º Encontro das Leituras Recebido: 01/07/2024
da Lógica de Hegel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F58xde-Skyg> Aprovado: 22/10/2024
Publicado: 31/10/2024

Abstract

The self-subsistence of measure, as a logical category, operates independently of external determinations, generating its own criteria without relying on external parameters. This autonomy does not isolate it from relationships but, rather, engenders them, forming a unified relational whole. Each measure, as a web of relations, also maintains its autonomy, with increasing independence fostering more relationships and further autonomy. The real measure is self-subsistent and relates externally to others, generating new relationships through its specific determinacy in a series. It maintains its differences from others, progressing quantitatively, while qualitatively it is interrupted by specific self-subsistent points. The measureless represents a negative relation within itself, as seen in changes of state (e.g., water). Self-subsistent measures, though initially external, establish combinations (e.g., weight and volume) in qualitative and quantitative terms, and in interactions (e.g., mixing metals with different specific gravities). The “affinity” emerges as a neutral relational form, often akin to chemical reactions or musical harmonies, representing selective interactions. Ultimately, the determination of measure involves finding neutralizing quanta that connect various moments, showing a dialectical progression from external immediacy, through relationality, to elective affinity. The self-subsistence of measure highlights its autonomy while allowing for complex, dynamic relationships.

1 – Preparação ao 8º Encontro das Leituras da Lógica de Hegel

A preparação para o 8º Encontro das Leituras da Lógica de Hegel ocorreu com reuniões semanais, às quintas-feiras, das 17h30m às 19h pelo Zoom. O Grupo leu e debateu, primeiramente, na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, volume 1- A Ciência da Lógica, a seção da Medida, § 107 a 111; essa leitura permitiu termos uma sensibilidade geral do tema da “medida” explicitado por Hegel em sua forma enciclopédica para identificar o que o autor quer destacar e compreender sua argumentação nos parágrafos e nos extensos adendos. Depois, o Grupo leu a introdução geral da terceira seção, A medida, da Doutrina do Ser, p. 349 a 355, para ter uma visão geral dos três capítulos: 1º A quantidade específica; 2º A medida real; e, 3º O devir da essência. Em seguida, lemos o item A, A relação das medidas autossubsistentes, do 2º capítulo, A medida real. Lemos, igualmente, vários comentários dessa parte para podermos cotejar as hermenêuticas sobre essa parte da lógica do ser. Participaram do Grupo de Leituras Hegel de POA os seguintes pesquisadores: Adilson Feiler, Agemir Bavaresco, Antônio Costa, Felipe Cordeiro e Sérgio B. Christino.

2 – Apresentação do Grupo no evento

Item A: A relação de medidas autossubsistentes

Introdução

A autossubsistência da medida, enquanto categoria lógica, se apresenta como livre de determinações externas, como seriam os mais diversos expedientes, que operam os mais diversos tipos de cerceamentos: os mandamentos, ordenamentos externos e as leis estranhas. Ao gozar desta liberdade de determinações, a categoria lógica da medida

se apresenta em suas diferentes operações como capaz de operar independentemente de critérios externos a ela mesma. Ainda mais, ela mesma engendra os seus próprios critérios de medida, sem a necessidade de se valer de parâmetros externos, que poderiam ser oferecidos por outro critério de medida.

Contudo, apesar desta liberdade e independência com relação aos diversos critérios de medida, ela não se constitui uma mónada, ou seja, sua autossubsistência não faz dela uma realidade isolada do campo das relações. Relações estas que são por ela mesma engendradas; o que, mais uma vez, comprova a sua autossubsistência e liberdade. E cada uma destas relações, por ela engendradas, constitui um todo, em uma unidade relacional. Desse modo, cada relação de medida é, ao mesmo tempo que uma teia de relações, também uma autonomia. Desse modo, a autossubsistência da medida não invalida a sua dimensão relacional, mas a potencializa e liberta, ainda mais no sentido de que quanto mais autônoma e subsistente, tanto mais propicia novas relações por ela mesma engendradas, e, quanto mais propicia tais relações, tanto mais autonomia e autossubsistência ela passa a gozar. A seguir apresentamos os itens da apresentação por meio do Power Point, realizada pelo pesquisador Adilson Feiler:

1. A medida como relações de medidas

- A medida apresenta relações de medidas de algo diferentes, como qualidades abstratas no espaço e no tempo.
- Ela é provida de propriedades químicas e determinações materiais que são subordinadas a determinações ulteriores conforme as suas determinações próprias do conceito.
- Suas relações são diretas umas com as outras, remetendo assim inteiramente à sensação.
- Os lados mesmos são relações de medidas imediatamente para uma determinação progressiva.

2. A medida real é:

- Medida autossubsistente que se relaciona externamente com as outras especificando as mesmas em múltiplos outros e engendrando outras relações. Esta autossubsistência específica se dá numa relação direta passando pela determinidade específica em uma série de medidas.
- Medidas determinadas em si e excludentes, mantendo assim a sua diferença com relação a outra. Em seu aspecto quantitativo apresenta uma progressão nas relações e no aspecto qualitativo esta é interrompida por autossubsistentes específicos.
- Ausência de medida pela sua infinitude que se excluem em uma unidade umas com as outras, resultando em uma relação negativa consigo mesmo.

3. A relação de medidas autossubistentes

As medidas autossubistentes são elas mesmas relações de medidas.

Inicialmente como imediato, subsistente um fora do outro e, coisas postas externamente em combinações.

- ◆ b) Como materialidades autossubistentes são determinadas pela mesma relação quantitativa com outras.
- ◆ c) Um relacionar indiferente, múltíplice até tornar-se um ser em si excludente.
- ◆ d) Combinação de duas medidas
- Algo está determinado dentro de si como relação de medida de quanta e o algo é a relação dessas qualidades.
- É o ser dentro de si do algo, a outra é a exterioridade desse ser dentro de si. É a relação do peso com o volume.
- O relacionar qualitativo puro de ambas as determinações de grandeza conforme uma relação de potências desaparece na autossubsistência do ser para si.

4. O relacionar com o outro

- É uma quantia de matéria. São duas coisas de medida interior diversa que estão na relação e entram em combinação – como dois metais de diversa gravidade específica.
- É um conservar-se, ele mesmo, um relacionar negativo, uma especificação recíproca.
- A combinação seria um mero somar de suas grandezas de uma e das duas.
- A soma de ambos os pesos e de ambos os volumes na combinação de duas matérias de diversa gravidade específica. Não apenas o peso da mistura permaneceria igual àquela soma, mas também o espaço, que a massa ocupa.

5. O peso da matéria

- Vale conforme a consideração da determinidade quantitativa, a quantia das partes materiais. É um determinar imanente do quantitativo.
- É um subsistir frente à negatividade que o ser para si contém dentro de si é o ente que não é em si, é o espaço posto como aquilo que ele verdadeiramente é.
- Como variável a própria medida está posta.
- Ele tem a sua determinidade em outras relações de medida.

6. A medida como série de relações de medida

- Estas relações se suprassumiram nesta combinação. Mas algo que é relação de medida dentro de si, é autossubsistente, suprassumido nesta unidade.
- O expoente da nova medida é, ele mesmo, apenas um quantum qualquer.
- Essa combinação de vários termos são neles mesmos igualmente medidas.
- É uma unidade como uma série de relacionar específico com outros. O autossubsistente se diferencia verdadeiramente através da série peculiar dos expoentes.

7. A relação interior das séries de medida

- Estas relações constituem agora o qualitativo dos autossubsistentes.
- Estes autossubsistentes é cada um como unidade frente a seu expoente e ambas as séries que surgem dessa relação são determinadamente diferentes.
- Para determinar a relação deles, ele mesmo necessita de uma unidade comum, que é para si.
- Precisa ser procurada na relação que os expoentes de relação da série têm um com o outro. Pode ser a unidade comum deles.
- Cada um, isolado fora da comparação, é a unidade das relações com os membros contrapostos.

8. A autossubsistência da série do relacionar mesmo.

A série dos expoentes do relacionar dos mesmos são, neles mesmos, igualmente autossubsistentes, cada um, um algo específico de uma relação de medida:

1. Dessa maneira, ambos os lados são séries de unidade que tem seu ser determinado para si como uma série de expoentes.
2. Ele é também um dos expoentes para cada membro da série que se lhe contrapõe.
3. O número de comparação com respeito aos demais números de sua série tem uma unidade determinada para si na série que se lhe contrapõe.

9. O externo é uma série de números de relação

- Na medida, o externo não é meramente um quantum e um círculo de quanta, mas uma série de números para si da medida.
- Sua relação consigo é, inicialmente, como relação imediata frete ao outro, um quantum. Nesta exterioridade o seu lado qualitativo cai. Desse modo resta apenas o seu modo quantitativo de relacionar.

- Neste relacionar de dois específicos ambos estão postos negativamente, e, enquanto cada um está conservado nele sua negação de novo está negada.
- A diferença se funda no qualitativo, enquanto relacionar indiferente, mediante uma afinidade autossubsistente com os vários lados compondo uma afinidade eletiva.

10. Afinidade eletiva

- A afinidade eletiva como neutralidade possui reações com a linguagem química. Essa relação está ligada à quantidade, como uma série de diferentes que se lhe contrapõem.
- As combinações com esta série se baseiam em uma assim chamada afinidade com cada membro dela.
- Não é apenas no químico que o específico se apresenta, mas também no relacionar com um outro tom e em uma série de tons. Desse modo, o tom singular é o tom fundamental de um sistema, constituindo harmonias, que são afinidades eletivas excludentes.

11. O relacionar de uma unidade qualitativa

- O membro de uma série tem sua unidade qualitativa em seu relacionar com o todo de uma série que se lhe contrapõe.
- A determinidade é apenas uma determinidade quantitativa, pois na afinidade eletiva a relação excludente, qualitativa, subtrai-se a essa diferença quantitativa.
- O excluir é um manter junto mais fixo frente a outras possibilidades da combinação.
- Esse interverter da forma unilateral da grandeza extensiva também para sua outra, a intensiva, não altera, em nada na natureza da determinação fundamental que é um e mesmo quantum.

12. A determinação de medida

- O expoente é essencialmente determinação de medida.
- É preciso obter o quantum neutralizante de vários momentos que se lhe contrapõem.
- O relacionar excludente negativo sofre esse entrelaçamento do lado quantitativo.
- Está, pois, posto o interverter de relacionar indiferente, meramente quantitativo, para um relacionar qualitativo e, inversamente, um passar do ser determinado específico para a relação meramente externa.

Considerações finais

Pelo percorrer do itinerário apresentado, foi possível constatar o potencial relacional responsável pela medida real, na sua dimensão de autossustentação; e este potencial de liberdade e autonomia, que dela se desprende. A sua liberdade, em cada lado da medida, guarda a sua autossustentação, o que faz com que ela de nada pode guardar em si a sua capacidade de manter o seu próprio padrão e natureza de medida. A medida deve, como mostrado no decorrer desta investigação, se apresentar em momentos dialéticos de superação: iniciando por uma imediatidade externa, passando por uma relacionalidade externa e mediata e confluindo numa afinidade eletiva.

Referências

- GAETE, Arturo. *La Lógica de Hegel. Iniciación a su lectura*. Edicial: Buenos Aires, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica. A doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber et all. Editora Vozes: Petrópolis, 2016.
- HÖSLE, Vittorio. *O sistema de Hegel. O idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Celiomar Pinto de Lima. Edições Loyola: São Paulo, 2007.
- NOËL, Georges. *La Logique de Hegel*. Librairie Philosophique J. Vrin: Paris, 1967.

Item A (cont.): Slides sobre a Observação “Berthollet sobre a Afinidade Eletiva e a Teoria de Berzelius a este Respeito”

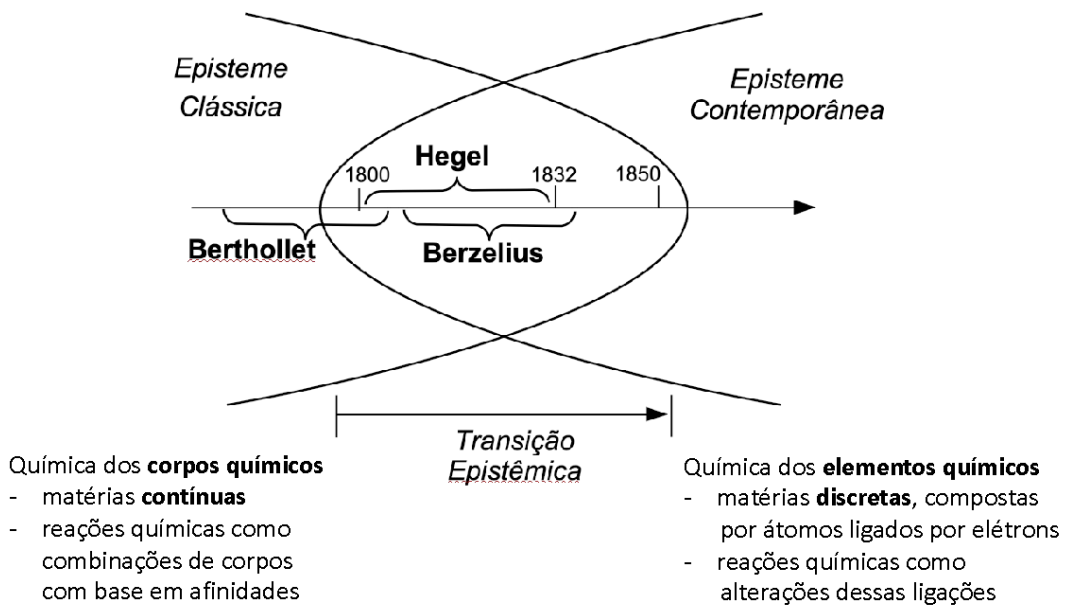
Doutrina do Ser - Observação (p.384-394)

Berthollet sobre a afinidade eletiva e a teoria de Berzelius a este respeito

- O contexto epistêmico
- Berthollet e Berzelius
- As considerações de Hegel
- Relação com a historicidade da ciência

Antônio Carlos da Rocha Costa
23/05/2024

• O contexto epistêmico de Berthollet, Berzelius e Hegel



- **Claude Berthollet (1748-1822) – França**

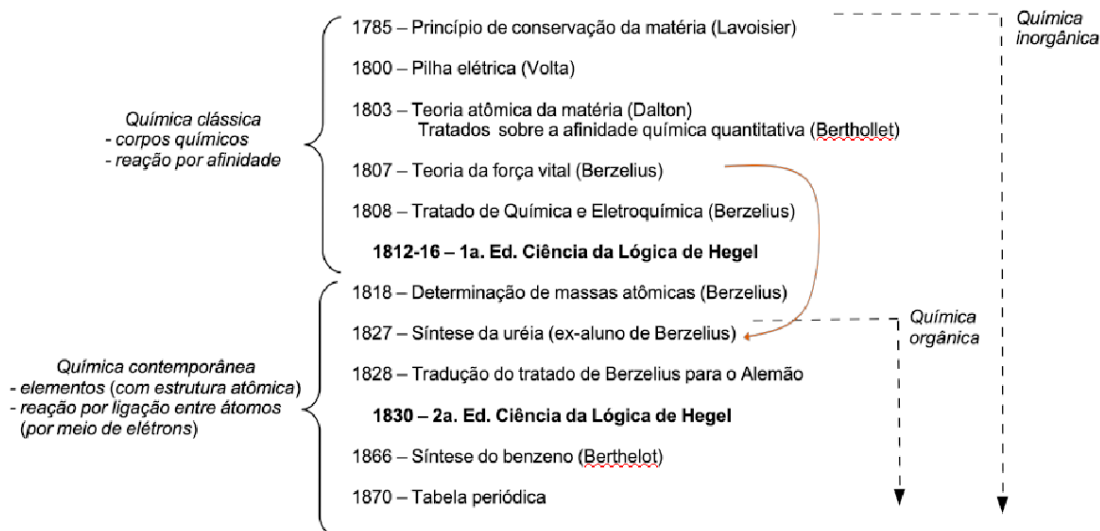
- *Pesquisa sobre as Leis das Afinidades Químicas* (1803)
- *Ensaio sobre a Estática Química* (1803)
 - afinidades químicas → afinidades de caráter quantitativo e relativo
 - afinidades eletivas → afinidades de caráter qualitativo e exclusivista
- introduziu *medidas nas leis qualitativas* das afinidades químicas:
 - tanto nas *afinidades relativas* quanto nas *circunstâncias exteriores* que afetam aquelas reações (temperatura).

- mas, considerando a Química do século XVIII:
 - não havia a noção de átomo nem de molécula química
 - as substâncias químicas eram pensadas como sendo *corpos homogêneos*, sem diferenças internas → olhar *externo*
 - não havia o conceito de *ligação química*, mas de *afinidade* entre corpos químicos → relação *externa*

- **Jacob Berzelius (1779-1848) – Suécia**

- postulou:
 - a existências de corpos químicos elementares → *elementos químicos*
 - os *corpos químicos* em geral como composições de *elementos químicos*
 - a existência de *átomos* e *moléculas químicas* nos elementos químicos → olhar *interno*
 - as *moléculas* como *ligações* entre átomos → relação *interna*
 - as *reações químicas* como modificações nas *ligações* entre os átomos das *moléculas dos corpos químicos*
- determinou *pesos atômicos*
- descobriu *novos elementos químicos*
- introduziu:
 - a atual notação para os *elementos químicos*: H₂O, NaCl,...
 - a ideia de que átomos e moléculas contêm cargas elétricas
- um dos fundadores da Química moderna (Química atual)
 - *Tratado de Química* (~1808); Hegel usou uma tradução de ~1828

A "Ciência da Lógica" em relação à história da Química



□ Hegel aceitou os resultados experimentais de Berthollet

Por exemplo (p.387):

As investigações de Berthollet indicaram as circunstâncias mais precisas [quantitativas] sob as quais <..> um ácido <..> parece ativo conforme o sentido da afinidade eletiva [exclusivista].

... são as circunstâncias sob as quais aquele excluir acontece, não a natureza qualitativa dos agentes como tais [que condicionam a eletividade].

... aquilo o que aparecia como excluir puramente qualitativo, como afinidade eletiva, mostra-se estar apenas em condições exteriores.

□ A Química clássica é uma química de fatores observáveis:

- corpos químicos → 1 litro de ácido X, 1 kg de base Y
- eletividade das reações → ácido X reage mais com base Y, menos com base Z
- condições exteriores → temperatura alta favorece a reação, baixa desfavorece

□ Hegel aceitou os resultados de Berthollet por dependerem apenas de *fatores observáveis*?

- **Hegel rejeitou a teoria atômica da matéria defendida por Berzelius**

Por ser "metafísica":

[Berzelius apenas repete visões] *equipadas com a metafísica peculiar de uma reflexão acrítica.* (p.387)

A teoria vai além da experiência e inventa, em parte, representações sensíveis, como elas mesmas não estão dadas na experiência, em parte, ela aplica determinações do pensar [formais] e se torna, de ambas maneiras, objeto de crítica lógica. (p.387)

A primeira edição desta Lógica <..> demonstra a nulidade das categorias nas quais se baseia a teoria corpuscular antiga, assim como a que quer ser nova. (p.389)

□ Hegel entendeu o *atomismo* de Berzelius como repetição do *atomismo grego*.

- **Em outros termos:**

- Tudo se passa como se Hegel tivesse considerado:

1. que Berzelius apresentou os conceitos de *átomo químico* e *molécula química* como um *conceitos definidos, prontos*, não como *conceitos preliminares, ainda a serem desenvolvidos*;
2. que os *recursos experimentais* da época estavam em um *estágio definitivo*, como se não tivessem *possibilidade de aprimoramento*:

A teoria vai além da experiência e inventa, em parte, representações sensíveis, como elas mesmas não estão dadas na experiência...

□ Como se as *ciências empíricas* não tivessem *caráter histórico*.

□ Também: Hegel valorizou o *modelo de Kepler* do movimento dos planetas e desvalorizou o *modelo de Newton* (Enc. §270)

Mas talvez seja mais produtivo não colocar a questão como uma **questão de erro**:

Hegel errou ao preferir Berthollet e Kepler ao invés de Berzelius e Newton!

Seu entendimento da ciência era um **entendimento falho**!

Mas sim como uma **questão de razões**:

Por que Hegel preferiu Berthollet e Kepler a Berzelius e Newton?

Que **razões** levaram Hegel a **escolhas científicas diferentes** daquelas que seriam **consagradas** posteriormente pelos **próprios cientistas**?

Por que Hegel **divergiu** dos cientistas?

Referências

COSTA, A. C. R.; BAVARESCO, A.; ORSINI, F. As Observações sobre a Quantidade e a Medida na Doutrina do Ser de Hegel. Considerações histórico-críticas. *Opinião Filosófica*, vol. 8, n. 2, 2017.

FEILER, Adilson; BAVARESCO, Agemir; COSTA, Antônio. In: 8º Encontro das Leituras da Lógica de Hegel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F58xde-Skyg>

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica - Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 384-394.